

Editorial

JORNAL DO BRASIL

Fundado em 1891

M. F. DO NASCIMENTO BRITO — *Diretor Presidente*

MARIA REGINA DO NASCIMENTO BRITO — *Diretora*

VICTORIO BHERRING CABRAL — *Superintendente Geral*

MARCOS SÁ CORRÊA — *Editor*

FLÁVIO PINHEIRO — *Editor Executivo*

ROBERTO POMPEU DE TOLEDO — *Editor Executivo*

Castigo dos Pobres

As escolas particulares do Estado preparam seu calendário para repor, em julho, as aulas perdidas com a greve recém-encerrada. Os professores da rede estadual de ensino nem encerram a greve — que agora resolveram fazer semana sim, semana não — e nem repõem aulas: um dos grevistas contumazes chegou ao ponto de observar que, em educação, “o que importa é a qualidade, e não a quantidade”.

Na circunstância em que a frase é dita, ela já entra para o rol do cinismo. Seria muito bom que a qualidade superasse a quantidade, no ensino público estadual. Mas estamos muito longe disso. O ensino público está desarticulado pela sucessão de greves; e o ritmo que os professores agora adotam — o de trabalhar semana sim, semana não — vai acabar de destruir o pouco que restou.

A crueldade específica da história é que ela atinge exatamente os mais pobres; e como a educação é fator básico para a ascensão social, as aulas agora roubadas aos estudantes pobres farão com que, futuramente, eles sejam ainda mais pobres.

Outra barbaridade da greve permanente é que ela

não é resposta a um eventual imobilismo das autoridades estaduais. A Secretaria de Educação do Estado acaba de propor nova tabela de vencimentos, que representa a possibilidade atual do orçamento, e deve terminar em 60 dias um novo plano de cargos e salários, que não está mais adjantado pela lentidão com que são respondidas as indagações referentes à função e atuação efetiva dos funcionários do setor.

Este é o caminho para ir passando a limpo uma estrutura burocrática onde os nichos de ociosidade são numerosos. Não é trabalho que se possa fazer de um dia para o outro. Mas a crescente mobilização política do magistério estadual não aceita as soluções possíveis: quer transformações revolucionárias.

Pagam, com isto, as crianças, com sua rotina de vida totalmente desarticulada, e com uma experiência escolar que só pode resultar em desestímulo e atraso. Pensarão por um momento nessa massa de estudantes pobres as supostas lideranças de classe, cujo discurso não combina nem um pouco com a *qualidade* de ensino que apresentam como álibi para negar aos estudantes as aulas escamoteadas pela greve interminável?